

DA SALA DE AULA À CONSCIÊNCIA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA UMA SOCIEDADE SEM RACISMO.

Bianca Capitaneo Martinelli ¹
Rafaelle Ribeiro Gonçalves ²

RESUMO

O racismo foi internalizado e assim permanece, sendo repetido com intenção ou não de quem o pratica. Conversar, contextualizar e exemplificar situações problema, demonstrar quão profundas são as raízes culturais africanas na construção do Brasil, e ainda reconhecer a importância dessa contribuição, torna o ambiente escolar propício e necessário, porém não exclusivo, na transformação social. O objetivo da prática pedagógica foi demonstrar os elementos culturais africanos presentes no cotidiano, como forma de resistência e representatividade cultural, e elemento fundamental das raízes brasileiras. A prática pedagógica foi elaborada a partir do componente curricular de Prática Pedagógica de Biologia II (PECC II), tal componente trabalha a temática sobre racismo, onde futuros docentes foram estimulados a refletirem sobre a temática e trazer a luz o racismo e seus impactos sociais, associando a cultura africana, como herança presente no Brasil. As atividades propostas à turma foram: identificar elementos comuns que demonstram o legado étnico africano, análise da representatividade como resistência cultural e a valorização da identidade negra, reconhecendo a cultura africana como integrante da cultura brasileira. A prática obteve os resultados esperados, havendo a interação e participação dos futuros docentes de forma dinâmica, nas quais elementos culturais foram apresentados e reconhecidos.

Palavras-chave: Racismo, Cultura Africana, Prática Pedagógica.

INTRODUÇÃO

A persistência do racismo na sociedade brasileira evidencia seu caráter estrutural e historicamente internalizado, manifestando-se tanto em práticas conscientes quanto inconscientes. Nesse contexto, o ambiente escolar assume papel fundamental na problematização dessa temática, ao promover reflexões críticas, valorização da diversidade e reconhecimento das contribuições culturais africanas na formação do Brasil. A abordagem do racismo na educação, portanto, não se limita à denúncia, mas envolve a construção de práticas pedagógicas que visem a transformação social por meio do conhecimento, do diálogo e da valorização identitária.

1 Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal Farroupilha - campus Panambi - IFFar-PB - RS, bianca.41017@aluno.iffar.edu.br;

2 Professora orientadora, Doutora em Ensino de Ciências e Matemática, Instituto Federal Farroupilha, campus Panambi - IFFar-PB



Este artigo apresenta um relato de experiência desenvolvido no âmbito do componente curricular Prática Pedagógica de Biologia II (PEC II), cuja proposta central consistiu em promover a reflexão sobre o racismo e seus impactos sociais, articulando essa discussão à valorização da cultura africana como elemento constitutivo da sociedade brasileira. A relevância da proposta reside na necessidade de formação de futuros docentes comprometidos com uma educação antirracista, capazes de reconhecer e trabalhar a diversidade cultural em suas práticas pedagógicas.

O objetivo da experiência foi evidenciar os elementos culturais africanos presentes no cotidiano, compreendendo-os como formas de resistência e representatividade, além de promover o reconhecimento da cultura africana como parte fundamental das raízes brasileiras. Para isso, foram desenvolvidas atividades que envolveram a identificação de elementos do legado étnico africano, a análise da representatividade enquanto resistência cultural e a valorização da identidade negra.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como um relato de experiência de abordagem qualitativa, desenvolvido no âmbito do componente curricular Prática Pedagógica de Biologia II (PECC II), com acadêmicos em formação docente. A pesquisa fundamenta-se em uma perspectiva descritiva e interpretativa, buscando compreender as contribuições de uma prática pedagógica voltada à educação antirracista por meio da valorização da cultura africana.

Metodologicamente, a proposta caracterizou-se como uma abordagem qualitativa, de caráter participativo, envolvendo acadêmicos em formação docente. As atividades foram estruturadas de forma a estimular a interação, o diálogo e a reflexão crítica, possibilitando a construção coletiva do conhecimento.

Os caminhos metodológicos adotados envolveram a elaboração, aplicação e análise de uma intervenção pedagógica estruturada em três oficinas didáticas, realizadas de forma sequencial e articulada. A proposta foi organizada com base em metodologias ativas, priorizando a participação dos sujeitos, o diálogo e a construção coletiva do conhecimento.

A intervenção foi composta por três momentos principais. A primeira oficina, consistiu na vivência da dança africana “Si Ma Ma Ka”, com o objetivo de promover o contato inicial com manifestações culturais africanas por meio da expressão corporal e da interação entre os participantes. A segunda oficina, envolveu a leitura e interpretação da lenda



“Galinha d’Angola”, seguida da discussão coletiva favorecendo a compreensão simbólica e cultural da narrativa. A terceira oficina, contemplou a confecção de colares inspirados em elementos da cultura africana, possibilitando a expressão artística e o fortalecimento da identidade cultural.

Como ferramenta e recursos didáticos, foram utilizados projetor multimídia para apresentação de conteúdos visuais, além, de materiais de baixo custo, como lápis de cor, giz de cera, papelão, barbante, tesoura e cola, garantindo acessibilidade e viabilidade de aplicação em diferentes contextos educacionais.

No que se refere às técnicas de pesquisa, foram empregadas a observação participante e o registro descritivo das atividades desenvolvidas. A coleta de dados ocorreu por meio do registro das interações dos participantes durante as oficinas e análise das produções realizadas, os quais foram considerados como instrumentos de expressão e evidência da aprendizagem.

A análise dos dados deu-se de forma qualitativa, por meio de interpretação dos registros e das produções dos participantes, considerando aspectos como engajamento, participação, interação e compreensão dos elementos culturais trabalhados. Essa análise buscou indícios de reconhecimento da cultura africana como parte integrante da cultura brasileira, bem como reflexões relacionadas à temática do racismo.

REFERENCIAL TEÓRICO

A construção do presente relato de experiência fundamenta-se na compreensão do racismo como fenômeno histórico, social e subjetivo, que estrutura relações, produz desigualdade e impacta diretamente a constituição dos sujeitos. Nesse sentido, o referencial teórico mobilizado articula as contribuições de Djamilia Ribeiro, em *Pequeno Manual Antirracista*, e de Frantz Fanon, em *Pele negra, máscaras brancas*, cujas obras permitem compreender tanto o caráter estrutural do racismo quanto seus efeitos na subjetividade.

Partindo dessa perspectiva, Ribeiro (2019) afirma que o racismo não pode ser entendido apenas como um conjunto de atitudes individuais, mas como um sistema que organiza a sociedade. Para a autora, “o que está em questão não é um posicionamento moral, individual, mas um problema estrutural.” (RIBEIRO, 2019, p.6), estando presente nas instituições, nas práticas sociais e na produção de conhecimento, o que contribui para a manutenção de desigualdades raciais. Tal compreensão é fundamental para situar o debate no campo



educacional, uma vez que a escola, enquanto instituição social, participa desse processo, podendo tanto reproduzir quanto questionar essas estruturas.

Além disso, Ribeiro destaca que todos os sujeitos estão inseridos nessa lógica social, é impossível não ser atravessado pelo racismo em uma sociedade estruturada por ele. Essa afirmação evidencia a necessidade de desenvolver uma consciência crítica acerca das relações raciais, sobretudo no ambiente escolar, onde se formam valores, identidades e visões de mundo.

Complementando essa análise, Fanon (2008) aprofunda a discussão ao evidenciar os impactos do racismo na subjetividade dos sujeitos. Em *Pele negra, máscaras brancas*, o autor denuncia o processo de desumanização imposto pelo racismo ao afirmar que “o negro não é um homem” (FANON, 2008, p.26). Tal colocação explicita como o racismo opera na negação da humanidade do sujeito negro, produzindo efeitos que ultrapassam o campo social e atingem a dimensão psicológica.

Fanon também analisa o processo de internalização do racismo, no qual o sujeito negro passa a se perceber a partir de padrões brancos. Nesse sentido, o autor afirma que “o negro quer ser branco” (FANON, 2008, p.27), evidenciando a violência simbólica presente na imposição de um modelo hegemônico de identidade.

Essa reflexão é essencial para o campo educacional, pois permite compreender como a ausência de representatividade e a valorização de referenciais eurocêntricos podem contribuir para a construção de identidades fragilizadas.

Outro aspecto relevante abordado por Fanon refere-se à linguagem como elemento de poder, segundo o autor, “falar é existir absolutamente para o outro” (FANON, 2008, p.33), indicando que a linguagem não é neutra, mas carregada de valores sociais e culturais. No contexto escolar, essa questão torna-se central, uma vez que práticas pedagógicas podem reforçar ou questionar hierarquias raciais presentes na sociedade.

A articulação entre as perspectivas de Ribeiro e Fanon permite compreender o racismo como um fenômeno complexo, que atua simultaneamente nas estruturas sociais e na constituição subjetiva dos indivíduos.

Enquanto Ribeiro enfatiza a necessidade de reconhecer o racismo como estrutura e de adotar uma postura antirracista, Fanon evidencia os impactos desse sistema na construção da identidade e na percepção de si.

No contexto deste relato de experiência, tais contribuições teóricas orientaram a elaboração de uma prática pedagógica voltada à problematização do racismo e à valorização da cultura afro-brasileira. A proposta buscou romper com o silêncio apontado por Ribeiro, promovendo



espaços de diálogo, reflexão e conscientização, ao mesmo tempo que considerou, à luz de Fanon, a importância de fortalecer identidade e promover representatividade.

Dessa forma, o referencial teórico aqui apresentado não apenas sustenta a discussão proposta, mas também orienta a trajetória da prática desenvolvida, evidenciando a educação como espaço fundamental para o enfrentamento do racismo. Ao articular dimensões estruturais e subjetivas, este estudo reafirma a necessidade de práticas pedagógicas comprometidas com a equidade racial, a valorização da diversidade e a transformação social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados evidenciaram que, inicialmente, os participantes demonstravam uma percepção limitada acerca das contribuições históricas e culturais da população negra na formação da sociedade brasileira. No entanto, ao longo das oficinas, especialmente nas atividades de vivência corporal (dança “Si Ma Ma Ka”) e a na leitura da lenda “Galinha d’Angola”, observou-se um avanço nesse reconhecimento.

Os participantes passaram a identificar elementos culturais africanos em práticas comuns, como na música, na alimentação, nas expressões linguísticas e nas manifestações artísticas. Esse movimento de reconhecimento corrobora com a perspectiva de Djamila Ribeiro, ao destacar que o racismo estrutural contribui para a invisibilização dessas contribuições, sendo necessário um processo educativo que evidencie tais presenças.

Nesse sentido, a prática pedagógica mostrou-se eficaz ao promover a valorização da cultura africana como parte constitutiva da identidade brasileira, rompendo com a lógica de apagamento histórico apontada pela autora citada.

A partir das atividades desenvolvidas, especialmente na confecção de colares inspirados na cultura africana, os participantes demonstraram engajamento na valorização de elementos simbólicos relacionados à identidade negra.

Observou-se que a construção desses artefatos não se limitou a uma atividade manual, mas assumiu um significado mais amplo, relacionado à expressão identitária e reconhecimento cultural. Os participantes passaram a compreender a importância da representatividade como estratégia de enfrentamento ao racismo, reconhecendo a cultura africana como elemento de resistência histórica.

Essa análise dialoga diretamente com as reflexões de Frantz Fanon, especialmente quando o autor discute os impactos da ausência de referências positivas na construção da identidade. Ao afirmar que “o negro que ser branco” (FANON, 2008, p.27), Fanon evidencia como a



imposição de padrões hegemônicos pode gerar processos de negação identitária. Nesse contexto, práticas pedagógicas que valorizam a cultura africana contribuem para a construção de uma autoimagem positiva, contrapondo-se a essa lógica.

Durante as discussões coletivas, foi possível observar que os acadêmicos passaram a problematizar situações do cotidiano anteriormente naturalizadas, reconhecendo manifestações de racismo em diferentes contextos sociais.

Esse processo de conscientização foi favorecido pelo diálogo e pela troca de experiências, elementos centrais na metodologia adotada. Os participantes demonstraram maior sensibilidade para compreender o racismo como um fenômeno estrutural, alinhando-se à perspectiva de Djamila Ribeiro, que afirma que “o que está em questão não é um posicionamento moral, individual, mas um problema estrutural.” (RIBEIRO, 2019, p.6).

Além disso, foi possível identificar mudanças no posicionamento dos participantes, que passaram a reconhecer a importância de uma postura ativa no enfrentamento do racismo, aproximando-se da noção de educação antirracista defendida pela autora.

De forma geral, os resultados demonstram que a prática pedagógica contribuiu significativamente para o reconhecimento da cultura africana, para a valorização da representatividade e para o desenvolvimento de uma consciência crítica acerca do racismo. Tais achados evidenciam o potencial transformador de práticas educativas que abordam a temática étnico-racial de forma contextualizada e participativa.

Os resultados obtidos demonstram significativa participação e engajamento dos envolvidos, evidenciando a importância de práticas pedagógicas que integrem discussões étnico-raciais ao currículo. Observou-se que os participantes foram capazes de reconhecer elementos da cultura africana em seu cotidiano, além de compreender sua relevância histórica e social, contribuindo para o fortalecimento da identidade cultural e para a formação de uma consciência crítica.

A articulação entre os resultados empíricos e o referencial teórico reforça a compreensão de que o racismo atua tanto no plano estrutural quanto na dimensão subjetiva, conforme discutido por Ribeiro e Fanon. Enquanto os dados evidenciam avanços no reconhecimento cultural e na conscientização dos participantes, também apontam para a necessidade de continuidade dessas discussões no processo formativo docente.

Nesse sentido, a experiência confirma a importância da inserção de práticas pedagógicas antirracistas no currículo, contribuindo para a formação de professores mais críticos, conscientes e comprometidos com a promoção da equidade racial. Ao possibilitar a reflexão,



o diálogo e a valorização da diversidade, tais práticas tornam-se estratégias fundamentais para a construção de uma educação transformadora.

Conclui-se que a inserção de temáticas relacionadas ao racismo e à cultura africana na formação docente é essencial para a construção de práticas educativas mais inclusivas e transformadoras. A experiência relatada reforça a necessidade de ampliar tais discussões no contexto educacional, reconhecendo a escola como espaço privilegiado para a promoção da equidade e da valorização da diversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato de experiência evidenciou que a inserção de práticas pedagógicas voltadas à valorização da cultura africana e à problematização do racismo contribuiu significativamente para a formação de uma consciência crítica em futuros docentes. Ao longo da intervenção, foi possível observar avanços no reconhecimento das contribuições culturais africanas na constituição da sociedade brasileira, bem como no entendimento do racismo enquanto fenômeno estrutural, historicamente construído e socialmente reproduzido.

A experiência desenvolvida demonstrou que o ambiente escolar constitui um espaço privilegiado para o enfrentamento das desigualdades raciais, desde que pautado em práticas pedagógicas intencionais, críticas e comprometidas com a equidade. As atividades propostas, fundamentadas em metodologias ativas e participativas, favoreceram o diálogo. A reflexão e o engajamento dos participantes, possibilitando a construção coletiva do conhecimento e a valorização da diversidade cultural.

A proposta apresentada demonstra potencial de adaptação e replicação em diferentes contextos educacionais, especialmente na educação básica. A utilização de recursos acessíveis e estratégias didáticas diversificadas evidencia a viabilidade da implementação mais inclusiva e representativa.

Por fim, destaca-se a necessidade de ampliação de pesquisas e práticas no campo da educação antirracista, especialmente aquelas que articulem diferentes áreas do conhecimento e que considerem as especificidades dos contextos escolares. Torna-se fundamental o desenvolvimento de investigações que aprofundem os impactos dessas práticas a longo prazo, bem como explorem novas abordagens pedagógicas capazes de fortalecer a valorização da cultura afro-brasileira e o enfrentamento do racismo.



Dessa forma, reafirma o papel da educação como instrumento de transformação social, ressaltando a urgência de práticas pedagógicas comprometidas com a justiça social, a equidade racial e o reconhecimento da diversidade como elemento constitutivo da sociedade.

REFERÊNCIAS

RIBEIRO, Djamila, *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FANON, Frantz, *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

